

PAI D'ÉGUA: UM RECORTE SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE USO E DESUSO DA EXPRESSÃO NO FALAR SANTARENO

Aline Matos de Souza¹, Caê Oliveira Santos², Caio Vinícius Pereira Grigório³, Kaleb Lima Rocha Cerdeira⁴, Samuel William dos Santos Monteiro⁵

¹Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, Brasil (ninedesouza@gmail.com)

²Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, Brasil (cae.oli@outlook.com)

³Clube de Ciências da UFOPA, Santarém, Brasil (hummbaio@gmail.com)

⁴Clube de Ciências da UFOPA, Santarém, Brasil (danielecerdeira18@gmail.com)

⁵Clube de Ciências da UFOPA, Santarém, Brasil (williamsamuel3299@gmail.com)

Resumo: Estudo sociolinguístico descritivo quanti-qualitativo que investiga o uso e desuso da expressão regional "pai d'égua" no falar santareno. Para tal, foi aplicado um questionário online, que obteve 56 respostas. Os resultados mostram amplo reconhecimento e valor positivo da expressão, porém baixo uso cotidiano, sobretudo entre jovens. Conclui-se que mantém valor como símbolo cultural e identitário regional, mas apresenta baixo uso espontâneo pelos falantes.

Palavras-chave: sociolinguística; pai d'égua; variação linguística; santarém.

INTRODUÇÃO

A expressão "pai d'égua" constitui um dos regionalismos mais emblemáticos do falar santareno e paraense, carregando forte valor cultural e afetivo para seus falantes. No entanto, observa-se que sua presença no cotidiano parece ter diminuído, sobretudo entre as gerações mais jovens, o que levanta questionamentos acerca dos processos linguísticos e sociais que podem estar motivando esse possível desuso.

Inserido no campo da Sociolinguística variacionista, este estudo parte do pressuposto de que a língua é um fenômeno social, dinâmico e heterogêneo, sujeito a constantes transformações (Labov, 2008). Conforme apontam Cezário e Votre (2008), a língua deve ser compreendida como um conjunto de variedades que refletem a diversidade sociocultural de seus falantes. Nesse sentido, as variantes linguísticas correspondem a diferentes formas de expressar uma mesma ideia em contextos equivalentes, podendo assumir valores sociais distintos, como prestígio, estigmatização ou inovação (Tarallo, 2003).

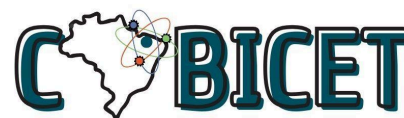
No âmbito deste trabalho, destaca-se a variação diatópica, que permite compreender a expressão "pai d'égua" como um fenômeno linguístico local, intrinsecamente relacionado ao contexto geográfico e cultural em que se insere. Reconhecida oficialmente como patrimônio cultural imaterial do Estado do Pará (Pará, 2011), essa expressão integra o repertório linguístico regional e desempenha um papel significativo na construção da identidade paraense,

sendo amplamente associada ao sentido de "excelente".

Além disso, a análise das atitudes linguísticas revela-se fundamental para a compreensão dos julgamentos que os falantes fazem acerca de sua própria variedade linguística e da fala de outros. Segundo Fernández (1998), tais atitudes influenciam diretamente os processos de manutenção, substituição ou abandono de determinadas formas linguísticas, podendo também estar associadas a fenômenos de preconceito linguístico, entendido como o julgamento de indivíduos ou grupos com base nas formas linguísticas que utilizam (Paulista, 2016).

A escolha deste tema justifica-se pela relevância da expressão "pai d'égua" para a identidade cultural santarena, aliada à percepção de um possível declínio em seu uso e à escassez de estudos acadêmicos sobre o tema. Ademais, a pesquisa integra as atividades do Clube de Ciências da UFOPA (CCIUFOPA), projeto de extensão vinculado ao Centro Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico (CPADC/ICED), que promove a iniciação científica de estudantes da educação básica por meio da investigação de elementos da cultura local.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral investigar as razões do possível declínio do uso da expressão "pai d'égua" no vocabulário santareno. Como objetivos específicos, busca-se: (I) analisar a frequência de uso da expressão entre os habitantes de Santarém; (II) identificar os contextos comunicativos em que



ocorre; (III) traçar o perfil sociolinguístico de seus usuários; e (IV) examinar as percepções e atitudes dos falantes em relação à expressão, a fim de compreender se “pai d’égua” permanece como um elemento vivo do léxico local ou se se encontra em processo de desuso.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se com um estudo sociolinguístico descritivo de atitudes linguísticas, de abordagem quali-quantitativa.

A coleta de dados foi realizada por meio da elaboração de um questionário online estruturado, aplicado via plataforma Google Forms. O instrumento contemplou questões fechadas e abertas, abordando a frequência de uso da expressão “pai d’égua”, significados atribuídos, contextos comunicativos, percepções sociolinguísticas, relações entre interlocutores e dados sociodemográficos (idade, gênero e naturalidade). As questões de múltipla escolha foram organizadas com base na escala Likert, visando à quantificação de percepções e atitudes linguísticas. O formulário foi divulgado através das redes sociais, garantindo participação voluntária de respondentes com diferentes perfis sociolinguísticos.

Os dados obtidos foram organizados em planilhas e analisados por meio de estatística descritiva, aliada à análise qualitativa das respostas abertas. A interpretação dos resultados fundamentou-se na literatura sociolinguística, buscando relacionar o uso da expressão a fatores sociais, culturais e geracionais. Por fim, os achados foram sistematizados em gráficos e tabelas, permitindo avaliar as hipóteses iniciais e responder à questão central da pesquisa.

Nota metodológica e limites da amostra: A pesquisa contou com 56 participantes, todos com consentimento registrado. Os dados foram analisados por meio de abordagem quantitativo-qualitativa, combinando frequências absolutas e percentuais das questões fechadas com categorização temática das respostas abertas. Para as respostas discursivas, foram criadas categorias semânticas a partir da recorrência de sentidos atribuídos à expressão “pai d’égua” e às gírias usadas como substitutas.

É importante registrar, de forma criteriosa, que a amostra não deve ser interpretada como representativa de toda a população santarena, pois há predominância de participantes da zona urbana, de pessoas com ensino superior ou pós-graduação e de respondentes jovens/adultos jovens. Assim, os resultados indicam tendências dentro do grupo alcançado pela pesquisa, permitindo discutir percepções sociais sobre uso, desuso, identidade e

substituição lexical, mas sem generalização estatística para todo o município.

Essa cautela é essencial porque a sociolinguística compreende a língua como prática social situada, atravessada por idade, escolaridade, território, redes de convivência, estilo, contexto de interação e valores simbólicos atribuídos às formas linguísticas (Labov, 2008; Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Lucchesi, 2012).

Perfil dos participantes: A idade dos participantes variou de 14 a 57 anos, com média de aproximadamente 30,1 anos e mediana de 25,5 anos. A maior concentração ocorreu na faixa de 19 a 29 anos, que reuniu 34 participantes, correspondendo a 60,7% da amostra. As demais faixas foram: 40 a 49 anos, com 10 participantes (17,9%); 30 a 39 anos, com 6 participantes (10,7%); 50 anos ou mais, com 4 participantes (7,1%); e até 18 anos, com 2 participantes (3,6%). Quanto ao gênero, houve distribuição relativamente equilibrada: 29 participantes se identificaram como homens (51,8%), 26 como mulheres (46,4%) e 1 preferiu não informar (1,8%).

Em relação à escolaridade, observa-se forte presença de respondentes com formação superior: 29 participantes possuem ensino superior (51,8%) e 13 possuem pós-graduação (23,2%). Somados, esses dois grupos representam 75,0% da amostra. Os demais participantes informaram ensino médio (12; 21,4%) e ensino fundamental (2; 3,6%). Esse dado deve ser considerado na interpretação dos resultados, pois níveis mais altos de escolarização podem influenciar tanto a percepção sobre preservação cultural quanto a avaliação consciente de usos regionais da língua.

Quanto à naturalidade, 36 participantes declararam ser naturais de Santarém (64,3%). Outros 10 participantes foram agrupados como naturais de municípios do Baixo Amazonas ou do interior do Pará, como Alenquer, Almeirim, Monte Alegre, Oriximiná e Óbidos (17,9%). Outros 9 participantes indicaram origem em outros municípios ou estados amazônicos, como Belém, Manaus, Amapá e São Domingos do Capim (16,1%), e apenas 1 participante foi classificado como de fora da Amazônia ou origem indefinida (1,8%). Além disso, 44 participantes residem em Santarém há mais de 10 anos (78,6%), o que indica forte vínculo territorial com o município.

A amostra é predominantemente urbana: 52 participantes residem em área urbana (92,9%), enquanto 3 vivem em área rural (5,4%) e 1 em área periurbana (1,8%). Esse dado é relevante porque Santarém possui uma composição territorial ampla e

diversa, com população estimada pelo IBGE em 360.871 pessoas em 2025 e população de 331.942 pessoas no Censo 2022, em um território de 17.900,01 km²; portanto, a predominância urbana da amostra não contempla toda a diversidade socioterritorial santarena.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com 56 participantes, todos com consentimento registrado, permitindo analisar percepções sobre o conhecimento, os sentidos, a frequência de uso e o possível desuso da expressão “pai d’égua” no falar santareno. A amostra foi composta majoritariamente por pessoas residentes na zona urbana de Santarém, com forte presença de respondentes com ensino superior ou pós-graduação, o que exige cautela na interpretação dos dados. Assim, os resultados aqui apresentados não pretendem representar estatisticamente toda a população santarena, mas oferecer um recorte sociolinguístico sobre como a expressão é conhecida, avaliada e utilizada pelo grupo investigado.

Do ponto de vista etário, os participantes tinham entre 14 e 57 anos, com concentração expressiva na faixa de 19 a 29 anos, que correspondeu a 60,7% da amostra. Esse dado é relevante porque a idade constitui uma variável importante nos estudos sociolinguísticos, especialmente quando se investigam percepções de mudança, permanência ou substituição de formas linguísticas. Como observa Eckert (1998), a idade não deve ser compreendida apenas como uma variável biológica, mas como uma categoria social relacionada a estilos de fala, redes de convivência, práticas culturais e formas de pertencimento. Nesse sentido, a predominância de jovens e adultos jovens na amostra pode ter influenciado a percepção de que a expressão “pai d’égua” estaria em processo de diminuição de uso.

Em relação ao conhecimento da expressão, os dados mostram que “pai d’égua” permanece amplamente reconhecida entre os participantes. Dos 56 respondentes, 40 afirmaram conhecer a expressão e saber seu significado, o que corresponde a 71,4% da amostra. Outros 13 participantes disseram já ter ouvido a expressão, embora não tivessem certeza de seu significado (23,2%), enquanto apenas 3 declararam não conhecê-la (5,4%). Esse resultado indica que a expressão ainda faz parte do repertório sociolinguístico reconhecível pelos sujeitos investigados, mesmo que nem todos a utilizem de maneira frequente.

Esse dado permite distinguir dois fenômenos importantes: o conhecimento passivo e o uso ativo da expressão. O fato de a maioria conhecer “pai d’égua”

não significa, necessariamente, que ela esteja plenamente incorporada à fala cotidiana dos participantes. Na sociolinguística, essa distinção é fundamental, pois determinadas formas linguísticas podem permanecer socialmente reconhecidas, culturalmente valorizadas e simbolicamente disponíveis, mesmo quando sua frequência de uso diminui. Esse processo se aproxima do que Agha (2003) discute ao tratar da vida social dos valores culturais: certas formas passam a circular como signos reconhecíveis de pertencimento, ainda que sua presença na fala cotidiana varie conforme o contexto. No caso paraense, essa interpretação também dialoga com estudos recentes sobre unidades fraseológicas e expressões idiomáticas regionais, que mostram que determinados modos de dizer não se explicam apenas por equivalência lexical, mas por sua circulação social, territorial e cultural (Dias; Razky; Guedes, 2023; Salgado; Lima; Pacheco, 2024).

A análise das respostas abertas à pergunta “O que a expressão Pai d’égua significa para você?” permitiu identificar diferentes dimensões de sentido atribuídas à expressão pelos participantes, conforme pode ser observado no Quadro 1. Embora a maioria das respostas aponte para uma interpretação positiva, a categorização qualitativa mostrou que “pai d’égua” não se limita ao significado genérico de “algo bom”. A expressão foi mobilizada pelos participantes em sentidos relacionados à avaliação positiva, intensificação, qualidade ou competência, admiração/espanto, variação contextual e, em menor proporção, desconhecimento ou incerteza. Essa multiplicidade de sentidos reforça a necessidade de analisar a expressão como uma unidade linguística situada, cujo valor emerge do uso social e não apenas de uma definição isolada. Estudos sobre o léxico paraense e amazônico têm mostrado que a variação lexical deve ser compreendida em relação aos contextos socioculturais e territoriais em que os falantes estão inseridos (Feiteiro; Silva, 2015; Souza, 2021; Dias; Razky; Guedes, 2023).

Quadro 1. Quadro interpretativo dos sentidos atribuídos à expressão “Pai d’égua” pelos participantes da pesquisa.

Dimensão de sentido	Interpretação	Exemplos de respostas
---------------------	---------------	-----------------------

Avaliação positiva	Sentido predominante; indica aprovação ou elogio	“Algo bom”; “Muito bom!”; “Bacana, legal, bom”; “Significa uma reação positiva para algo”
Intensificação	“Pai d’égua” funciona como intensificador avaliativo	“Algo mais do que bom”; “fora do normal”; “acima das expectativas”; “tá perfeito”
Qualidade ou competência	O termo pode reconhecer habilidade, desempenho ou boa execução	“Alguém que é bom em alguma coisa”; “muito bem feita”; “esse teu rabeta ficou pai d’égua”
Admiração, espanto ou reação	Funciona como marcador expressivo ou interjeição avaliativa	“Parece tipo um ‘eita’”; “surpresa”; “sentido de espanto”
Variação contextual	A expressão tem flexibilidade pragmática e pode variar conforme o contexto	“Depende do sentido da frase”; “pode ter vários significados”; “pode expressar raiva”
Desconhecimento ou incerteza	Indica conhecimento parcial ou instável da expressão	“Não sei”; “eu não sei”; “surpresa eu acho”

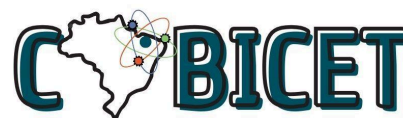
Fonte: Próprios autores (2026)

A categoria mais expressiva foi a de avaliação positiva, presente em 44 das 56 respostas analisadas, correspondendo a 78,6% da amostra. Nessa categoria foram reunidas respostas em que os participantes associaram “pai d’égua” a termos como “algo bom”, “muito bom”, “legal”, “bacana”, “ótimo”, “excelente”, “formidável” e “incrível”. Esse resultado indica que, para a maior parte dos respondentes, a expressão é compreendida como uma forma de aprovação, elogio ou valorização positiva. Assim, no grupo investigado, “pai d’égua” aparece como um recurso linguístico utilizado para qualificar positivamente pessoas, objetos, situações, acontecimentos ou experiências.

Dentro dessa categoria majoritária, entretanto, observa-se uma nuance importante: muitas respostas não apontam apenas para o sentido de “bom”, mas para algo muito bom, acima do comum ou fora do esperado. Por isso, parte das respostas positivas também foi interpretada como expressão de intensificação. Exemplos como “algo mais do que bom, algo incrível”, “algo muito bom, fora do normal, acima das expectativas” e “tá muito boa, tá perfeito” indicam que “pai d’égua” atua como um intensificador avaliativo. Nesse caso, a expressão não apenas informa que algo é positivo, mas amplia a força dessa avaliação, produzindo um efeito de ênfase, admiração e excepcionalidade. Esse funcionamento é compatível com o comportamento de muitas expressões idiomáticas e fraseológicas, nas quais o sentido resulta da articulação entre forma linguística, uso recorrente, contexto de enunciação e valores socioculturais compartilhados pelos falantes (Salgado; Lima; Pacheco, 2024; Dias; Razky; Guedes, 2023).

Essa distinção entre avaliação positiva e intensificação é importante para evitar uma leitura empobrecida da expressão. Se “pai d’égua” fosse equivalente apenas a “bom” ou “legal”, seu valor expressivo seria menor. As respostas, porém, indicam que a expressão carrega uma carga semântica mais intensa, próxima de sentidos como excelente, extraordinário, perfeito, bem feito ou fora do normal. Assim, seu uso parece produzir uma avaliação mais enfática do que adjetivos avaliativos comuns.

Outra dimensão identificada no quadro interpretativo foi a de qualidade ou competência. Essa categoria apareceu em menor frequência, mas possui relevância qualitativa, pois amplia o entendimento da expressão para além da avaliação de coisas agradáveis ou interessantes. Algumas respostas indicaram que “pai d’égua” pode se referir a alguém que “é bom em alguma coisa”, que “sabe fazer bem certas atividades”, ou a algo “muito bem feito”. Um exemplo particularmente expressivo foi: “Pai d’égua



na minha região é alguma coisa ‘foda’ ou muito bem feita como diziam os mais velhos ribeirinhos da salvação: esse teu rabeta ficou pai d’égua”. Nesse caso, a expressão funciona como reconhecimento de habilidade, desempenho ou boa execução.

Esse uso mostra que “pai d’égua” pode operar como um marcador de valoração social da competência. A expressão não qualifica apenas o objeto final, mas também o saber-fazer envolvido em sua produção. Ao elogiar um rabeta, um casco, uma atividade ou uma pessoa habilidosa como “pai d’égua”, o falante reconhece um padrão de qualidade valorizado no contexto local. Esse dado é relevante porque aproxima a expressão de práticas sociais concretas, ligadas ao cotidiano, ao trabalho, à produção material e aos saberes regionais. Essa aproximação entre léxico, práticas sociais e territorialidade é particularmente importante no contexto amazônico, em que determinadas formas de nomear, avaliar e qualificar experiências cotidianas expressam vínculos com modos de vida locais. Nesse sentido, estudos sobre variação lexical no Pará contribuem para compreender o vocabulário regional como parte de práticas históricas e culturais, e não apenas como lista de palavras ou curiosidades linguísticas (Feiteiro; Silva, 2015; Souza, 2021).

A categoria admiração, espanto ou reação foi identificada em 5 respostas, correspondendo a 8,9% da amostra. Nessa dimensão, “pai d’égua” aparece como uma forma de reação emocional ou expressiva diante de algo. Respostas como “parece tipo um ‘eita’”, “surpresa eu acho”, “um sentido de espanto no sentido de ser algo bom” e “uma expressão que pode ser usada para pontuar uma frase” indicam que a expressão pode funcionar como marcador discursivo ou interjeição avaliativa.

Esse dado é importante porque mostra que “pai d’égua” não atua somente como um termo descritivo. Em alguns usos, ela expressa a atitude do falante diante da situação. Ou seja, o participante não interpreta a expressão apenas como uma palavra que nomeia uma qualidade, mas como uma forma de demonstrar envolvimento afetivo, surpresa, entusiasmo ou admiração. Nesse sentido, a expressão possui valor pragmático: ela participa da construção do tom da interação e ajuda a marcar a reação do falante. Essa interpretação encontra apoio em estudos recentes sobre expressões idiomáticas paraenses, que apontam a importância do contexto, da familiaridade sociocultural e da experiência linguística para a compreensão dessas unidades (Salgado; Lima; Pacheco, 2024).

A categoria variação contextual também foi identificada em 5 respostas, correspondendo a 8,9%

da amostra. Embora minoritária em termos quantitativos, essa categoria é muito relevante para a análise sociolinguística, pois revela que alguns participantes reconhecem a expressão como flexível e dependente da situação comunicativa. Um participante afirmou que “pai d’égua” pode ter “vários significados inclusive significados opostos”, conforme o contexto, a entonação e a velocidade da voz. Outro destacou que o uso é “extremamente relativo e depende do contexto da fala”, podendo expressar algo bom, grande, forte, impactante ou até raiva.

Essas respostas mostram que a expressão apresenta flexibilidade pragmática. Embora o sentido positivo seja dominante, seu valor comunicativo pode ser alterado pelo tom, pela intenção, pela entonação, pela relação entre os interlocutores e pelo contexto da frase. Assim, “pai d’égua” pode funcionar como elogio, surpresa, ironia, deboche, intensificação ou reação afetiva, dependendo das condições de uso. Esse resultado reforça que a expressão não deve ser interpretada apenas por equivalência lexical, mas como uma unidade expressiva situada em práticas reais de interação. Essa leitura aproxima-se das abordagens fraseológicas e geossociolinguísticas recentes, que compreendem as unidades fraseológicas como formas atravessadas por uso, território, contexto social e valores culturais compartilhados (Dias; Razky; Guedes, 2023).

Por fim, a categoria desconhecimento ou incerteza apareceu em 2 respostas, equivalendo a 3,6% da amostra. Esse número reduzido indica que o significado da expressão é amplamente reconhecido no grupo analisado. Ainda assim, a existência de respostas como “não sei” ou formulações aproximadas, como “surpresa eu acho”, mostra que há participantes com conhecimento instável ou parcial da expressão. Esse dado dialoga com os resultados gerais da pesquisa, nos quais uma parte dos respondentes afirmou já ter ouvido “pai d’égua”, mas não ter certeza de seu significado.

A partir do quadro interpretativo, é possível afirmar que “pai d’égua” possui um núcleo semântico dominante, associado à avaliação positiva intensificada, mas também apresenta usos pragmáticos mais amplos. A expressão pode servir para elogiar, intensificar, demonstrar admiração, reconhecer competência, reagir emocionalmente a uma situação ou marcar pertencimento linguístico. Portanto, seu sentido não é único nem totalmente fixo. Ele se constrói no uso, na entonação, no contexto e nas relações sociais em que a expressão aparece.

As respostas fechadas confirmam essa tendência: 35 participantes afirmaram que “pai d’égua” é uma expressão sempre positiva (62,5%) e 12 a consideraram geralmente positiva (21,4%). Assim, 83,9% dos respondentes atribuem à expressão um valor positivo ou predominantemente positivo. Esse resultado mostra que, no grupo pesquisado, “pai d’égua” é percebida sobretudo como uma expressão de elogio, aprovação, admiração ou intensidade. A presença de respostas que apontam para a dependência do tom e do contexto, embora minoritária, também é relevante, pois indica que a expressão possui flexibilidade pragmática, podendo assumir nuances diferentes de acordo com a situação comunicativa. Esse resultado é coerente com pesquisas que tratam as expressões idiomáticas regionais como construções de sentido dependentes do contexto e do repertório sociocultural dos falantes, especialmente quando se trata de expressões associadas a identidades linguísticas locais (Salgado; Lima; Pacheco, 2024; Dias; Razky; Guedes, 2023).

Essa dimensão contextual é coerente com os estudos sobre linguagem como prática social. Para Bucholtz e Hall (2005), as identidades são construídas nas interações, por meio de escolhas linguísticas que posicionam os falantes social e culturalmente. Assim, uma expressão como “pai d’égua” não possui apenas um significado lexical fixo; ela carrega também sentidos afetivos, regionais, identitários e interacionais, que dependem de quem fala, para quem fala, em que situação e com qual intenção.

Apesar do amplo reconhecimento da expressão, os dados revelam uma baixa frequência de uso cotidiano: 27 participantes afirmaram utilizá-la raramente (48,2%) e 16 declararam nunca usá-la (28,6%). Somados, esses dois grupos representam 76,8% da amostra. Apenas 8 participantes disseram usar eventualmente (14,3%), 2 frequentemente (3,6%) e 3 muito frequentemente (5,4%). Esse é um dos resultados centrais da pesquisa: a expressão é conhecida e bem avaliada, mas pouco utilizada de forma ativa no cotidiano dos respondentes.

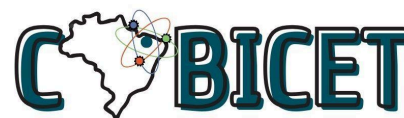
Essa diferença entre reconhecimento e uso permite afirmar que “pai d’égua” parece ocupar uma posição sociolinguística ambivalente. Por um lado, é uma expressão viva na memória linguística e cultural dos participantes; por outro, sua frequência de uso parece reduzida. Esse resultado sugere que o possível desuso não deve ser entendido como desaparecimento completo, mas como reconfiguração de sua função social. A expressão pode estar deixando de ser uma forma comum de uso cotidiano para assumir uma função mais simbólica, afetiva ou identitária.

Essa interpretação se fortalece quando se observa a percepção dos participantes sobre a diminuição do uso. A maioria expressiva, 46 participantes, concordou que o uso da expressão “pai d’égua” está diminuindo, o que corresponde a 82,1% da amostra. Apenas 3 participantes discordaram (5,4%) e 7 permaneceram neutros (12,5%). Esse dado mostra que o desuso é percebido socialmente pelo grupo investigado. No entanto, é importante destacar que a pesquisa mede percepções e usos declarados, não a frequência real de ocorrência da expressão em interações espontâneas. Para confirmar uma mudança linguística em curso, seria necessário realizar estudos complementares, com entrevistas sociolinguísticas, observação de fala espontânea, comparação entre gerações e análise longitudinal.

Ainda assim, a percepção de diminuição não deve ser descartada. Em estudos sociolinguísticos, as atitudes dos falantes em relação às formas linguísticas são parte importante do fenômeno analisado, pois revelam como os próprios sujeitos interpretam mudanças, permanências e deslocamentos em seus repertórios. Como discutem Weinreich, Labov e Herzog (1968), a mudança linguística deve ser compreendida em sua dimensão social, considerando não apenas os sistemas linguísticos, mas também os falantes, os contextos de uso e os valores atribuídos às formas em circulação.

Os contextos de uso mencionados pelos participantes reforçam a natureza informal e afetiva da expressão. Os espaços mais citados foram as conversas com amigos da mesma faixa etária, mencionadas por 26 participantes (46,4%), e os contextos envolvendo familiares mais velhos, citados por 24 participantes (42,9%). Também apareceram referências a redes sociais e mensagens (17,9%), trabalho ou estudo (8,9%) e situações formais, como atendimento público, com apenas 3,6% das menções. Esses dados indicam que “pai d’égua” é percebida como uma expressão mais associada à oralidade informal, à convivência familiar, à sociabilidade cotidiana e a contextos de proximidade.

A presença significativa de familiares mais velhos como contexto de circulação da expressão é especialmente importante. Ela sugere que “pai d’égua” pode estar associada, na percepção dos participantes, a gerações anteriores ou a modos de falar considerados mais tradicionais. Esse dado dialoga com a percepção de que jovens utilizariam mais expressões substitutas modernas, como “top” e “brabo”, enquanto pessoas mais velhas manteriam maior proximidade com a expressão regional. De fato, 40 participantes concordaram com essa afirmação, correspondendo a 71,4% da amostra.



Apenas 3 discordaram (5,4%) e 13 ficaram neutros (23,2%).

Esse resultado não deve ser interpretado como oposição rígida entre “fala jovem” e “fala antiga”, mas como indício de que os participantes percebem diferenças geracionais nos repertórios expressivos. Eckert (2008) argumenta que as formas linguísticas operam em campos indexicais, isto é, podem apontar para diferentes significados sociais, como juventude, tradição, informalidade, pertencimento regional ou modernidade. Nesse caso, “pai d’égua” parece indexar regionalidade, memória e pertencimento paraense/santareno, enquanto expressões como “top”, “brabo”, “show” ou “massa” podem ser percebidas como mais contemporâneas, midiáticas ou juvenis.

As expressões apontadas como substitutas revelam a diversidade do repertório linguístico dos participantes. Entre as formas mais citadas apareceram “égua”, expressões avaliativas gerais como “legal”, “bacana”, “massa”, “show”, “maneiro” e “da hora”, além de termos como “top”. Também foram mencionadas expressões regionais ou locais, como “mufino”, “te doide”, “te sai”, “expia”, “olha já”, “só o filé”, “maceta”, “só o tucupi” e “rabiola”. Esse resultado evidencia que o desuso relativo de uma expressão não implica empobrecimento linguístico, mas reorganização do repertório expressivo. Os falantes continuam mobilizando diferentes recursos para produzir avaliação, intensidade, surpresa, humor ou pertencimento.

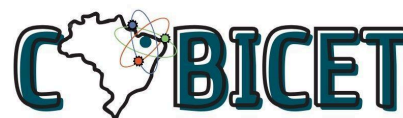
A presença de “top”, “brabo” e outras formas de ampla circulação contemporânea indica também a influência das redes sociais, da cultura digital e de repertórios juvenis mais globalizados ou nacionalizados. Valadares e Moura (2016), ao discutirem neologismos gírios nas redes sociais, observam que os ambientes digitais favorecem a circulação rápida de formas linguísticas, especialmente entre jovens. Mais recentemente, Xavier, Sobrinho e Baronas (2024) também destacam que as gírias são unidades léxicas que evidenciam marcas socioculturais e identificam indivíduos em relação a determinados grupos sociais, inclusive em memes e práticas digitais. Assim, a substituição parcial de “pai d’égua” por termos como “top” não deve ser vista apenas como abandono de uma tradição local, mas como resultado da convivência entre repertórios regionais e repertórios digitais contemporâneos.

Quando questionados sobre onde veem ou ouvem “pai d’égua” atualmente, os participantes mencionaram principalmente família (39,3%), feiras, ruas e mercados (33,9%), eventos culturais e turismo (28,6%), internet e memes (23,2%) e músicas ou

rádio (21,4%). Também houve menções a bares, ambientes de lazer, publicidade, lojas, escola, universidade e trabalho. Esses dados mostram que a expressão ainda circula em diferentes espaços sociais, mas não necessariamente como forma de uso frequente individual. Ela aparece tanto em contextos cotidianos e comunitários quanto em espaços de representação cultural, comercial ou midiática.

Esse ponto é fundamental para a discussão. A expressão “pai d’égua” pode estar perdendo espaço na fala cotidiana de parte dos participantes, mas continua visível como marcador cultural. Sua presença em eventos culturais, turismo, publicidade, músicas, memes e redes sociais indica que ela pode estar passando por um processo de estilização. Johnstone, Andrus e Danielson (2006), ao analisarem o processo de enregisterment do “Pittsburghese”, mostram que determinados traços linguísticos podem se tornar emblemas de lugar quando passam a ser reconhecidos, comentados e mobilizados como símbolos de identidade local. De modo semelhante, “pai d’égua” parece circular como marca reconhecível de paraensidade ou regionalidade amazônica, mesmo entre falantes que não a utilizam com frequência. Essa interpretação ganha força quando se considera que a expressão também aparece em materiais e iniciativas voltadas à valorização do dialeto belenense e da cultura linguística paraense. Cartágenes (2023), por exemplo, desenvolveu o web app fonético-cultural bilíngue Português Pai D’Égua, voltado ao ensino do dialeto belenense como língua de acolhimento a imigrantes e refugiados venezuelanos, o que indica a circulação institucional e pedagógica de expressões regionais como marcas de identidade linguística paraense.

Os dados sobre identidade santarena revelam uma tensão interessante. Apenas 15 participantes concordaram que “pai d’égua” é uma marca da identidade santarena (26,8%), enquanto 23 permaneceram neutros (41,1%) e 18 discordaram (32,1%). Esse resultado sugere que a expressão não é percebida de forma consensual como especificamente santarena. É possível que muitos participantes a reconheçam como uma expressão mais ampla do Pará ou da Amazônia, e não como um traço exclusivo de Santarém. Essa interpretação é reforçada por estudos que tratam o português falado no Pará como um campo de forte diversidade lexical e fraseológica, no qual determinadas expressões podem circular como marcas regionais amplas, não necessariamente restritas a um único município (Feiteiro; Silva, 2015; Souza, 2021; Dias; Razky; Guedes, 2023). Esse cuidado interpretativo é importante para evitar uma associação automática entre expressão regional e identidade municipal.



Por outro lado, a valorização de expressões regionais foi muito expressiva. 47 participantes afirmaram considerar importante preservar expressões como “pai d’égua”, correspondendo a 83,9% da amostra. Além disso, 36 participantes concordaram que o uso da expressão deveria ser visto como importante para a cultura santarena e como símbolo de orgulho, o que representa 64,3%. Esses dados indicam que, mesmo não sendo unanimemente percebida como marca específica da identidade santarena, a expressão é valorizada como parte de um repertório cultural regional que merece reconhecimento e preservação.

Essa aparente contradição é, na verdade, sociolinguisticamente significativa. Os participantes podem não reconhecer “pai d’égua” como traço exclusivamente santareno, mas ainda assim valorizá-la como expressão regional, paraense, amazônica ou culturalmente próxima. A identidade linguística, portanto, não aparece como algo fixo ou homogêneo, mas como uma construção múltipla e situada. Conforme Bucholtz e Hall (2005), a identidade é produzida na relação entre pertencimento, diferença, posicionamento social e práticas discursivas. Nesse sentido, “pai d’égua” pode funcionar como marcador de pertencimento para alguns sujeitos, como memória cultural para outros e como expressão regional reconhecida, mas pouco usada, para outro grupo.

A questão do julgamento linguístico também merece atenção. A maioria dos participantes, 29 pessoas, discordou da afirmação de que já se sentiu julgada ou presenciou alguém sendo julgado por usar “pai d’égua”, correspondendo a 51,8% da amostra. No entanto, 8 participantes concordaram com a afirmação (14,3%) e 19 permaneceram neutros (33,9%). Esses dados sugerem que a expressão não é percebida majoritariamente como alvo de estigma explícito, mas também indicam que situações de julgamento existem ou são percebidas por parte dos participantes.

Esse resultado deve ser analisado à luz das discussões sobre preconceito linguístico e valorização da diversidade linguística. Embora “pai d’égua” seja, no grupo analisado, uma expressão majoritariamente positiva, regional e culturalmente valorizada, isso não impede que formas de falar associadas à oralidade, à regionalidade ou à informalidade sejam alvo de avaliações negativas em determinados contextos. Lucchesi (2012) ressalta que a variação linguística é constitutiva das línguas e deve ser compreendida em sua dimensão histórica e social, e não tratada como erro ou desvio. Assim, expressões regionais como “pai d’égua” podem ser importantes para discutir, também em contextos

educativos, o respeito à diversidade linguística e a crítica a hierarquias entre modos de falar.

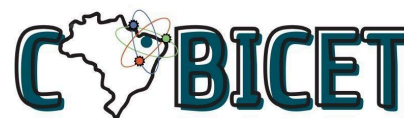
De modo geral, os resultados indicam que “pai d’égua” ocupa uma posição complexa no falar santareno analisado. A expressão é amplamente conhecida, compreendida majoritariamente em sentido positivo e valorizada como parte do repertório cultural regional. No entanto, seu uso cotidiano declarado é baixo, e a maioria dos participantes percebe que ela está diminuindo. Esse conjunto de dados permite afirmar que a expressão não desapareceu, mas parece atravessar um processo de deslocamento: de forma de uso cotidiano mais frequente para signo cultural, afetivo e identitário.

Portanto, o desuso apontado pela pesquisa não deve ser compreendido simplesmente como perda linguística. Ele pode ser entendido como parte de um processo mais amplo de mudança sociolinguística, no qual formas tradicionais convivem com novas gírias, repertórios digitais, usos midiáticos e práticas de estilização regional. Essa convivência entre expressões regionais e formas contemporâneas de circulação ampla tem sido observada em estudos sobre gírias, variação e práticas digitais, que indicam que novos usos lexicais também funcionam como marcas socioculturais e identitárias (Valadares; Moura, 2016; Xavier; Sobrinho; Baronas, 2024). Nesse cenário, “pai d’égua” permanece como expressão significativa, não apenas por aquilo que comunica lexicalmente, mas pelo que mobiliza em termos de memória, pertencimento, regionalidade e valorização da cultura linguística paraense e santarena.

CONCLUSÃO

Os resultados indicam que a expressão “pai d’égua” permanece amplamente reconhecida entre os participantes da pesquisa, sendo majoritariamente associada a sentidos positivos, como elogio, aprovação, admiração e intensidade. No entanto, esse reconhecimento não se traduz, necessariamente, em uso frequente, uma vez que grande parte dos respondentes declarou utilizar a expressão raramente ou nunca, além de perceber sua diminuição no falar cotidiano.

A análise também mostrou que “pai d’égua” não possui apenas um valor lexical simples, equivalente a “bom” ou “legal”, mas funciona como uma unidade expressiva marcada por nuances pragmáticas, afetivas e identitárias. A expressão pode indicar intensificação, surpresa, reconhecimento de competência e pertencimento regional, dependendo do contexto, do tom e das relações entre os interlocutores.



Assim, o possível desuso de “pai d’égua” não deve ser compreendido como desaparecimento absoluto ou perda linguística simples, mas como reconfiguração de seus usos sociais. No recorte analisado, a expressão parece deslocar-se de um uso cotidiano mais frequente para uma posição de marca cultural, afetiva e regional, permanecendo significativa para a memória linguística e para a valorização do repertório sociocultural paraense e santareno.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos familiares e amigos pelo apoio ao longo do caminho. Agradecemos também à Universidade Federal do Oeste do Pará, pois, sem uma instituição pública de ensino superior, não seria possível a construção dos saberes aqui apresentados. Estendemos nosso agradecimento ao Instituto de Ciências da Educação por viabilizar o espaço destinado ao Centro Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico, que sustenta e fortalece o Clube de Ciências da UFOPA, projeto de extensão que promove a iniciação científica de jovens interessados em conhecer, compreender o mundo e atuar sobre ele. Que a ciência se mantenha viva e que sigamos na luta pela democratização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AGHA, A. The social life of cultural value. *Language & Communication*, Oxford, v. 23, n. 3-4, p. 231-273, 2003. DOI: 10.1016/S0271-5309(03)00012-0.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, London, v. 7, n. 4-5, p. 585-614, 2005. DOI: 10.1177/1461445605054407.

CARTÁGENES, N. *Português Pai D’Égua: web app fonético-cultural bilingue: o ensino do dialeto belenense como língua de acolhimento a imigrantes e refugiados venezuelanos*. Orientadora: Maria Ataíde Malcher; coorientadora: Maria Luísa Ortiz Alvarez. 2023. 182 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

DIAS, C. M. T.; RAZKY, A.; GUEDES, R. J. da C. Unidades fraseológicas do universo paraense numa perspectiva geofraseológica. *MOARA – Revista*

Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, n. 63, p. 104-120, 2023. DOI: 10.18542/moara.v0i63.15337.

ECKERT, P. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, F. (org.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 151-167.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008. DOI: 10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x.

FEITEIRO, S. R.; SILVA, S. C. Estudo da variação lexical na Amazônia paraense: um olhar sobre o Atlas Linguístico do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 18, n. 1, p. 157-181, 2015. DOI: 10.5433/2237-4876.2015v18n1p157.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Linguistics. In: *Principios de Sociolingüística y Sociología Del language*. Barcelona: Editorial. Ariel, SA:1988.

JOHNSTONE, B.; ANDRUS, J.; DANIELSON, A. E. Mobility, indexicality, and the enregisterment of “Pittsburghese”. *Journal of English Linguistics*, Thousand Oaks, v. 34, n. 2, p. 77-104, 2006. DOI: 10.1177/0075424206290692.

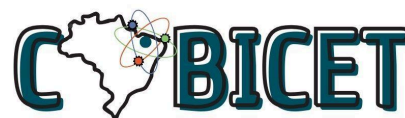
LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio/ago. 2012.

PARÁ. Assembleia Legislativa. Lei nº 7.548, de 12 de setembro de 2011. Declara como integrante do patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará a linguagem regional. *Diário Oficial do Estado do Pará*, Belém, n. 32.008, 28 set. 2011.

PAULISTA, Maria Lucia. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. *Revista Ecos*, v. 21, ano 13, n. 02, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1871>. Acesso em: 29 de abr. 2026.

SALGADO, A. P. M. A.; LIMA, A. V. do V.; PACHECO, P. C. Processamento de expressões idiomáticas paraenses à luz da Psicolinguística Experimental. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 2, n. 42, 2024. DOI: 10.36517/2525-3468.rdl.v2i42.2023.92285.



SOUZA, E. M. P. de. A variação linguística no português falado em municípios do nordeste paraense. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 6, n. 2, p. 523-553, 2021. DOI: 10.14393/Lex12-v6n2a2021-7.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VALADARES, F. B.; MOURA, M. R. de. Internetês: neologismos gírios nas redes sociais. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 179-198, jul./dez. 2016. DOI: 10.5433/1519-5392.2016v16n2p179.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

XAVIER, D. L. S.; SOBRINHO, L. M.; BARONAS, J. E. de A. Pega a visão: gírias no ensino de língua espanhola à luz da variação linguística. *MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Belém, n. 65, p. 122-146, abr. 2024. DOI: 10.18542/moara.v0i65.16052.